



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

FERNANDA RODRIGUES DE LIMA

**O “PARAÍSO DOS HOMENS” SUSTENTADO PELAS MULHERES:
REPRESENTAÇÕES DO TRABALHO FEMININO EM JURUPIRANGA – PB
(1960- 1970)**

**CAMPINA GRANDE - PB
2014**

FERNANDA RODRIGUES DE LIMA

**O “PARAÍSO DOS HOMENS” SUSTENTADO PELAS MULHERES:
REPRESENTAÇÕES DO TRABALHO FEMININO EM JURUPIRANGA – PB
(1960-1970)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. José Adilson Filho

CAMPINA GRANDE

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732p Lima, Fernanda Rodrigues de
O "paraíso dos homens" sustentado pelas mulheres
[manuscrito] : representações do trabalho feminino em Juripiranga
- PB (1960-1970) / Fernanda Rodrigues de Lima. - 2014.
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. José Adilson Filho, Departamento de
História".

1. Mulher 2. Trabalho Feminino - Representação 3.
Formação de Identidade I. Título.

21. ed. CDD 305.4

FERNANDA RODRIGUES DE LIMA

O "PARAÍSO DOS HOMENS" SUSTENTADO PELAS MULHERES:
REPRESENTAÇÕES DO TRABALHO FEMININO EM JURUPIRANGA - PB

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada ao Curso de Graduação em
História da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento a exigência
para obtenção do grau de Licenciado em
História.

Orientador: Prof. Dr. José Adilson Filho

Aprovada em: 10/12/2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Adilson Filho (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Anselmo Romariz Cavalcanti (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Marivaldo Alves de Oliveira (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Agradecimentos

A Deus, pelo dom da vida.

A minha mãe Maria das Neves pelo amor incondicional, cuidado, incentivo e inspiração para toda minha vida.

A meu pai Severino, pelo amor.

A meu irmão Francisco pelo cuidado e ajuda em todos os momentos.

A minhas avós Sebastiana e Regina (In memoriam) pelo amor, carinho e inspiração para esta pesquisa.

A meu namorado Ruberlândio, pelo grande apoio em todas as decisões, ânimo e força para os momentos difíceis.

A minha numerosa família por todo apoio e incentivo. Vocês formam o que tenho de mais valor.

Ao meu orientador José Adilson, profissional competente e humano. Muito obrigada pelos ensinamentos, apoio e confiança.

A todos (as) os (as) professores (as) que participaram da minha formação em especial ao professor Josemir Camilo pela ajuda na pesquisa para este trabalho. Externo minha admiração, sou grata por todo aprendizado compartilhado.

Aos amigos (as) de curso, pessoas que pude dividir momentos maravilhosos de aprendizado e que estarão sempre em minha memória.

Aos meus amigos: Géssica, Camila, Isaedja, Carlos, Wênia, Kátia, Rodrigo, João Paulo, Luciano e Stive. Pessoas que pude contar sempre que precisei.

Fernanda Lima

O “Paraíso dos Homens” Sustentado pelas Mulheres: Representações do Trabalho Feminino em Juripiranga – PB (1960 – 1970)

LIMA, Fernanda Rodrigues de¹

RESUMO

O estudo consiste na pesquisa bibliográfica e através da História oral sobre o trabalho feminino no município de Juripiranga – PB. Os relatos obtidos são frutos de um projeto de pesquisa intitulado “Representações do Trabalho Feminino em Juripiranga” pesquisa voltada para o período de 1960 a 1970, no projeto foram entrevistadas mulheres artesãs. O objetivo principal é analisar as representações que o trabalho feminino assume diante do contexto, analisando a formação de identidade das artesãs. A motivação para o estudo surgiu no momento de elaboração do projeto de pesquisa. A análise teórica se deu a partir do diálogo com autores como Certeau, Halbwachs e Hall, entre outros, para conferir credibilidade à pesquisa dialogando com a proposta de estudo da História oral, memória, cotidiano e identidade. Foi evidenciada na análise a contradição existente entre as representações que existem em torno do “paraíso dos homens”, mostrando o olhar de quem vivenciou o período contextualizado.

PALAVRAS- CHAVE: mulher, cotidiano, representação e identidade.

1- INTRODUÇÃO

A partir da década de 1960, o município de Juripiranga vai ter sua economia mista, mas especialmente voltada para as atividades rurais e artesanais, dentre as diversas atividades observa-se a notoriedade e destaque para importância e interesse que o artesanato com palha de carnaúba desperta. Trabalho este que envolvia toda a família, em especial as mulheres, assim, elas tornava-se cada vez mais importantes na economia doméstica e também na comunidade. Este contexto do trabalho feminino dentro da comunidade destaca-se principalmente o período de 1960 a 1970. A comunidade neste momento conhecida como: Serrinha que englobava tanto o município de Juripiranga-PB como o distrito de Ibiranga (Itambé – PE) que faz fronteira com a cidade, ficou

¹ Graduanda em História pela UEPB. E-mail: fernanda.r.lima@hotmail.com

conhecida como “Paraíso dos Homens” por conta do trabalho artesanal das mulheres. É fundamental compreender o porquê de este termo ser empregado e como ele é entendido por quem viveu este período.

Em geral, o que se percebe, num primeiro olhar é que o termo “paraíso dos homens” é bastante simples de entender e o porquê dele ter sido usado especialmente por caminhoneiros que passavam rapidamente pela cidade e assim a chamavam. No entanto, a análise deste contexto se apresenta muito mais complexa do que uma simples visão colocada pelo senso comum, estudá-la envolve também a memória de quem vivenciou este período. Analisar o trabalho feminino da época faz perceber que foram criadas identidade para estes sujeitos, mas que não foi dado voz, nem espaços para que estas mulheres se fizessem ouvidas. Precisa-se lembrar de que estas pessoas estão numa categoria socialmente excluída: mulheres, pobres, em sua maioria analfabeta. Perceber a conjuntura onde estão inseridas estas mulheres nos faz ver que elas já estão à margem da sociedade, machista inclusive, onde é muito mais difícil se fazer ouvir enquanto sujeito.

Com isso elas buscam a conquista de seu espaço tendo que lidar com as situações mais adversas, oriundas de um contexto social de muita pobreza. Para a História este período é riquíssimo uma vez que temos a possibilidade de entender a partir das vozes dessas mulheres seu cotidiano e suas práticas. Neste sentido, é importante que sejam colocadas em debate questões envolvidas no contexto apresentado. Temos num primeiro momento estas mulheres buscando seu espaço enquanto sujeito protagonista de sua história, uma vez que elas alcançam lugar de destaque devido ao seu trabalho numa sociedade onde todas as possibilidades de conquistas são um tanto quanto limitadas. Para segundo ponto, faz-se o debate sobre as questões representativas que envolvem o “paraíso dos homens” a partir de relatos das pessoas que vivenciaram este contexto dialogando com a referência bibliográfica. Por fim a análise das memórias destas mulheres, e quais memórias ficaram na comunidade local, uma vez que estas mulheres ainda estão presentes na mesma comunidade. Logo neste trabalho, história oral e a memória destas pessoas estão atreladas a vários pontos importantes deste momento histórico na comunidade. Assim, torna-se pertinente à análise de quais pontos estão presente na memória individual e quais estão se tornaram memória coletiva.

2- As possibilidades de autonomia da mulher através do artesanato

O contexto do estudo se apresenta na comunidade de Serrinha que no período histórico citado tinham-se um espaço geográfico relativamente pequeno e pouco povoado, vê-se isto através de dados oficiais expostos no livro “Serrinha Aspectos antropológicos de uma Comunidade Nordestina”, de 1971 do autor Waldemar Valente. No qual o próprio autor cita os dados do IBGE, onde a população de Ibiranga (Itambé – PE) mais Juripiranga - PB que juntas formam a comunidade de Serrinha era composta por aproximada 5.000 pessoas; ao dar estes dados mostrando que o número médio de pessoas por família era de aproximadamente de 4 pessoas, o autor deduz que em média tinham-se 1.250 famílias, considerando estes dados. É importante salientar para um maior entendimento que temos uma comunidade nordestina, geograficamente situada numa região de mata seca, que também faz divisa com várias cidades: Itambé-PE, Pedras de Fogo, Itabaina, Pilar, São Miguel de Taipu. Logo, apesar de termos uma comunidade pequena, ela torna-se geograficamente estratégica, a notoriedade se dá ao fato de torna-se caminho para outras cidades economicamente mais importantes como Campina Grande e Recife.

É fundamental frisar estes aspectos para pensarmos a conjuntura em que estavam envolvidas as mulheres de Serrinha que trabalhavam com o artesanato, principalmente na confecção de chapéus de palha produzidos com palha de carnaúba. Avaliando alguns dados² onde mostra na época uma população economicamente ativa no percentual de 67,24% e economicamente inativa de 32,76%. Entre os economicamente ativos temos a atividade agrícola que ocupa 21,79 % dos indivíduos, o artesanato num percentual de 32,61%, a atividade comercial de 6,49%, auto mecânica com 2,27% e as atividades industriais o autor colocou-as como praticamente inexistente. A atividade industrial é apresentada por Waldemar Valente, como apenas uma fábrica transformadora de mandioca, uma panificadora e a presença de uma fábrica de cordão mantida pela SUDENE nestas atividades não se tem uma dimensão de quantidade por falta de dados.

Com estes dados podemos analisar que, primeiro temos uma taxa de população economicamente inativa muito alta e com as poucas opções de emprego oferecidas temos grande parte empregada nas atividades agrícolas, onde a lavoura da cana absorve a maioria dos homens que no período de entre safra os empregos se reduzem numa faixa de 50%. Sendo assim, mais de cinco meses os trabalhadores ficam desempregados. É

² Os dados estatísticos apresentados foram obtidos no livro do autor Waldemar Valente, acima citado, sua pesquisa mostra dados do IBGE, SUDENE e de sua pesquisa feita para a produção do seu livro.

preciso salientar que, a maioria veem seus direitos trabalhistas burlados além de mal remunerados com salários que mal dão para atender as necessidades básicas.

O artesanato na cidade ocupa uma maioria de 32,61% dos indivíduos, nesta categoria temos carpintaria, cerâmica, cestaria e cordoaria, trabalhos de couro, incluindo sapataria e marcenaria. O artesanato de fibra ou palha, de carnaúba ocupa a maioria dos artesãos, sendo em sua quase totalidade mulheres. Fazendo uma comparação ao trabalho na agricultura onde o trabalho masculino é maioria, que por sua vez uma grande parte trabalha no corte de cana e que ficam cerca de cinco meses na ociosidade forçada da entre safra. Por outro lado, temos o artesanato com palha tendo a produção mais voltada em sua maioria para o chapéu de palha, onde se trabalha o ano inteiro e há uma predominância na mão de obra feminina.

Como exposto anteriormente temos em Serrinha uma comunidade que faz fronteira com várias cidades, tornando-se ponto de passagem para vários espaços. Inclusive no percurso do transporte de palha de carnaúba, por que é passagem obrigatória numa das estradas que conduzem a Açú – Rio Grande do Norte, uma área rica em plantações de carnaúbas. Isto facilitou e intensificou o comércio para os vendedores de palha e artesões locais, ou seja, tinham-se um comércio duplo: o da matéria-prima e do produto final que é o chapéu. Como podemos ver no depoimento: “Tinha compradô aqui e vinha compradô de fora, do Rio Grande, comprá aqui. E os que comprava aqui vendia pela feira” (Maria Francelina, 2013) sabe-se que os compradores de chapéu não eram exclusivamente os de Rio Grande do Norte, mas este comércio entre a matéria prima e produto final intensificava ainda mais a passagem destes vendedores por Serrinha. Como este comércio não se restringe apenas aos compradores de Açú, temos outras cidades como: Itabaiana, Guarabira, Timbaúba - PE, Goiana – PE, João Pessoa e Recife. Lugares estes que não absorviam apenas a compra de chapéu e sim também a trança que faz parte de um dos processos de produção, e que pode ser usado em outros artesanatos como a confecção de cestas, por exemplo.

O comércio do artesanato com palha movimentou não apenas os negócios da cidade, neste sentido é preciso lembrar que a comercialização acontecia também com compradores de outras cidades e estados que vinham até Serrinha, como pode se notar nas falas: “Os homi de Limoeiro, de Floresta vinha comprá o chapéu.” (Sebastiana Lima, 2013), as próprias artesãs também saíam para vender os chapéus nas cidades vizinhas. Ao comentar sobre quem comercializava os chapéus uma artesã externa: “Minha mãe. Ela ia vender em Itabaina, saia de madrugada pra vender o chapéu feito”

(Maria José, 2013), ou seja, não se pode identificar e definir apenas um local de trabalho para as artesãs, elas faziam seu trabalho de acordo com a melhor possibilidade de comercializar. Logo percebemos que existia uma mobilidade que convive com outra possibilidade, ou seja, com um espaço destinado para o comércio exclusivo de chapéus e produtos feitos com palha. Neste caso, têm-se as possibilidades de vender seus produtos de todas as formas possíveis e que lhes fosse conveniente, como pode se observar na voz da Sr.^a Maria Cesário, uma artesã:

Os pessoal que vinha desse mundo aí... De... Paudalho, daquele mundo de São Severino dos Ramo, vinha aqueles pessoal... Hoje, como tinha essa fêra Bacurau, aí vinha esses pessoal de longe, né? Mai hoje num tem mai... Aí eu vendo a meu genro, vendo assim a outras [...] A gente saia com aquele moi de chapéu debaixo do braço e ia vende eu achava tão bonito! Já tinha ferinha já, normal. (2013)

Neste contexto, vemos que não existe uma única possibilidade de comercializar seu produto, esta diversidade de possibilidades proporcionava mais autonomia para as artesãs. Embora, consiga se perceber a mobilidade no contexto deste trabalho, observa-se que existia uma organização entre os que produziam o artesanato dando a elas um lugar de comércio a “fêra do Bacurau”. Além disso, um lugar reservado na cidade, que estava além do ambiente doméstico e as feiras de rua de cidades vizinhas, ambientes que foram apresentados como algumas das possibilidades de comércio, logo liberdade e organização caminhavam juntas. A feira do Bacurau não é exposta apenas no relato acima, mas também em outros relatos: “A gente tinha o Bacurau aqui, lá em cima, todo sábado as pessoa ia vender. As pessoa ia vender numa feira chamada Bacurau” (Jecina Josefa, 2013), Waldemar Valente também menciona esta feira na cidade como espaço de venda do chapéu de palha. Então ao mesmo tempo em que não existia uma organização que lhes impusessem uma ordem de trabalho, coexistia um espaço destinado à negociação e exposição dos produtos aos compradores que revendiam em outras cidades, assim, como para a população que comprava para uso próprio.

Neste sentido, pode-se ver que o ambiente trabalho além de não ser restrito a um único espaço era um lugar de socialização entre as artesãs; por que primeiro temos dois momento o espaço doméstico onde eram produzidos e depois se tem a negociação que extrapolava este ambiente indo às feiras que por sua vez lhes proporcionava o contato como diversas pessoas que eram artesãs, vendedores e compradores. Quando se pensa o ambiente de casa, percebe-se logo que o tempo não era dedicado apenas à produção, mas era dividido com os afazeres domésticos. Na produção do artesanato, um trabalho caseiro, a família participava em sua maioria as mulheres e aí não se tinha

distinção entre adultos e crianças. Notou-se nas entrevistadas que a maioria começou a trabalhar ainda criança e como o trabalho também atendia a uma questão de necessidade econômica como mostrou D. Maria, 66 anos:

Prá ajudá tudo mia fia... Chego tempos, eu não vou lhe menti, não. Chegou tempo de todos os dias... Daí eu e minha mãe fazê pareia de chapéu e de comprar uma quarta de sardinha e uma fuba pra gente cumê. Chegou tempo pra isso, meu pai trabalhano no mei do mundo e deixava a gente. Trabalhando (o pai), assim, de agricultura mesmo. (2013)

O relato mostra as condições precárias de trabalho, onde crianças também trabalhavam, para atender a necessidades imediatas como alimentação. No caso do homem que tinha que se ausentar do lar, se ocupando principalmente na agricultura, onde a maioria dos empregos ofertados vinha da usina, no corte de cana. Neste trabalho existe um período de entre safra onde os trabalhadores ficam na ociosidade, para evitar esta situação muitos procuravam empregar-se em outros lugares tendo que se ausentar de sua casa. Porém ainda não conseguiam manter a família com necessidades básicas como alimentação. Este contexto contribui ainda mais para dar destaque ao trabalho da mulher que era principalmente no artesanato. Além disso, esta situação abriu espaço para que as mulheres tivessem mais liberdade e independência, sem ir radicalmente contra uma sociedade ainda muito machista, que por fim vai gerar estranheza as pessoas que não conheciam a comunidade chamando-o pejorativamente de “paraíso dos homens”.

Nestas condições as mulheres tinham no seu ofício uma ferramenta para manter as necessidades básicas, para ajudar em casa e arcar com as obrigações, atrelado a possibilidade de autonomia e sociabilidade com vê-se: *“A gente fazia até serão, tinha vez de fazer serão à noite todinha, custurano chapéu, fazendo trança. Tinha o dia... Organizava... Aí fazia de noite mai aquela turma de amiga, pra fazer serão.”* (Jecina Josefa, 2013) o trabalho citado com “serão” era feito durante a noite e se estendia até a madrugada. Além disso, encontrava no trabalho uma maneira de estar presente com amigas e companheiras de trabalho, que conviviam com as mesmas situações. Pensar este contexto faz com que percebamos que se tinham pessoas de uma única família e amigos (as) tendo em comum o mesmo ofício. Este saber era repassado e ensinado aos mais jovens e crianças, a *arte* de produzir chapéus em meio a situações sociais tão precárias e algumas conseguem manter o ofício até os dias atuais, embora hoje não exista mais com a mesma intensidade.

A concepção de arte para este ofício exige que o olhar seja modificado, para sairmos do conceito que, convencionalmente, a arte não está contida no fazer cotidiano. Estudar o ofício artesanal e consegui-lo perceber como uma arte é analisá-lo a partir de uma perspectiva histórica que leva para classificação de arte um ofício. Esta discussão torna-se possível como entendimento de “artes de fazer” que na concepção proposta por Certeau significa:

...modos de operação (...) esquemas de ação (...) [que] visa um lógica operatória (...) quase microbiana que prolifera, no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de “táticas” articuladas sobre os “detalhes” do cotidiano (...) desprovidas de ideologias ou instituições próprias (...) em consumos combinatórios... (1994, p. 38-42)

O conceito de arte, neste sentido, pode ser esclarecido quando levado ao campo do cotidiano onde as ações dos indivíduos, pessoas comuns, que muitas vezes passam despercebidas quando observadas através do viés de uma visão tradicional que exclui os que estão à margem da sociedade. Quando Certeau utiliza as expressões: “modos de operação e esquema de ação”, dá-se a entender que as formas de se organizar nos trabalhos por um viés de adaptação ao ambiente em que convivem como camuflagens para utilizar no seu cotidiano, a fim de saírem bem em situações múltiplas, principalmente onde aparentemente pareciam estar em desvantagem. Neste ponto podemos pensar as situações de organização, espaços, produção e comercialização do artesanato, onde as adaptações são necessárias para um convívio mais harmonioso em casa, por exemplo, onde se observou não demonstrar atritos com seus companheiros e até mesmo nos negócios indo comercializar onde pudesse ser melhor.

Tendo em consideração esta teoria, no comportamento dos indivíduos estas atitudes são consideradas as “astúcias” aderidas como “maneiras de fazer”, sempre que houver necessidade. Vistas de modo “micro” estão ações muitas vezes passam despercebidas, ou até mesmo ignoradas no ambiente onde atuam. Mas é preciso lembrar a força que exercem nos locais onde são postas em prática sendo capazes de modificar e gerar benefícios para si, por meio de “táticas” e “astúcias” que só podem ser observadas no cotidiano ou nas “artes de fazer”.

A partir desta concepção de arte, onde a ação do homem comum é valorizada faz-se importante perceber como uma atividade considerada pelo olhar de fora como: banal, desprivilegiada e até mesmo simplória é concebida como arte. Perceber o ofício de produção de chapéu, conferida as mulheres pobres que estão excluídas do mercado

de trabalho formal, como este ofício é observado como arte? Esta concepção só faz sentido na perspectiva da História que leva em consideração “os excluídos da história”³, expressão designadas para indicar sujeitos que são desprovidos de bens materiais e são ignorados como indivíduos, são excluídos da sociedade.

Neste contexto busca-se um lugar na história para estas pessoas que estão fora da macro estrutura de poder, reservando o seu espaço sem um olhar preconceituoso, mas poder analisar a partir de Certeau a concepção de arte na atividade cotidiana – ofício de produzir chapéus- o que convencionalmente não está incluído como uma arte. Esta arte é produzida através do dia-a-dia por estas mulheres que buscam executar seu trabalho com habilidade e conseqüentemente o reconhecimento por colegas de profissão e por quem vai adquirir seus produtos, afinal em seus discursos elas mencionam “compradores de fora”, logo, se as procuravam era por que seus produtos os interessavam. Nesta situação de compra, produção e comercialização do produto final, tudo isto vivenciado por indivíduos desprovidos de poder temos “maneiras de fazer” onde inventam seu cotidiano de acordo com suas possibilidades.

Analisar a cotidiano e as práticas a partir de Certeau cabem observar não apenas o conceito de arte na produção de chapéus, mas também levar em consideração que as “táticas” e as “astúcias” e aí entendemos que estas artesãs estão subvertendo uma ordem imposta, uma vez que se pensarmos o contexto histórico da década de 1960 e 1970 ainda são negados às mulheres muitos espaços. Ainda assim, pensando seu local de trabalho que comumente eram nas casas, mas que não se restringiam apenas a estes ambientes uma vez que também fazia parte do seu trabalho vender seus chapéus. É perceber que no contexto analisado, este ofício lhe proporcionava independência financeira e também com relação aos seus companheiros. Ora o papel de provedor do lar não se restringia só ao homem, como não pensar que a partir do trabalho elas também têm voz ativa dentro e fora de suas casas?

Este contexto nos faz remeter que em seus depoimentos não há relatos de conflitos com seus companheiros, pelo contrário, o trabalho feminino é colocado com um modo de ajudar no difícil contexto econômico-social que viviam, a situação dentro dos lares é apresentada de maneira harmoniosa, apesar de difícil. Sabemos que existem relações de poder em todos os ambientes, como não pensar isto dentro de um lar, com relações de marido e esposa? Se não podemos identificar grandes atritos numa situação

³ Cf. Perrot, 1988.

onde se tem um contexto propício, podemos identificar que as “táticas” e “astúcias” foram algo permanente neste convívio.

Assim percebemos que estas mulheres mostram que não viviam a sombra de seus companheiros, o que poderíamos pensar que geraria conflito já que estamos num período histórico em que as mulheres ainda detêm pouca liberdade e estão começando a busca seus espaços na sociedade. Mas esta busca por liberdade no contexto estudado não dá para ser comparada a questões de outros lugares e espaços onde o feminismo ganhou espaço e destaque. Em Serrinha este movimento de liberdade e autonomia visto nas artesãs é algo muito mais velado e silencioso aí neste ponto é preciso lembrar que nas décadas de 1960 e 1970, principalmente em cidades do interior ainda tínhamos costumes conservadores e machistas. Assim, estas mulheres conseguem driblar uma sociedade conservadora e obter a conquista da liberdade por meio de “táticas” e “astúcias” que tão bem sabem lidar.

Na conquista por seu espaço na sociedade enquanto sujeitos com direitos e liberdade, e apesar disso acontecer de maneira até discreta no modo de agir por que tudo esta sob a responsabilidade de seu ofício. Estas mulheres não passam despercebidas, principalmente pelo olhar de fora da comunidade local. Para os homens que não pertenciam a esta comunidade esta situação parece incomodar uma vez que, os que estavam apenas de passagem por Serrinha passam a ignorar esta situação colocando-a de maneira insultuosa quando passava pela cidade como também ao referir-se a ela. Consequentemente, o “paraíso dos homens” passa a incomodar também os moradores de Serrinha, em especial os homens, esta situação aparece um tanto quanto mal resolvida na memória da sociedade que vivenciou o período.

3- As representações do trabalho feminino e a ideia de “paraíso”

É através da representação que o trabalho na produção de chapéus fez Serrinha (Juripiranga), ser conhecida como “paraíso dos homens”, analisar o trabalho destas mulheres vai implicar na pesquisa do contexto que esta representação vai ser construída. É pertinente analisar estas perspectivas de representações e identidade a partir da proposta de Chartier:

Uma dupla via abre-se assim: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultado sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e

a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; outra que considera o recorte social objetivando como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade. (1991, p. 183)

Assim, neste sentido é preciso examinar criticamente como estas mulheres se percebem na situação, qual/quais identidade (s) assume diante da circunstância que lhes foi posta por esta ideia. É preciso lembrar que, nas pesquisas através da história oral é necessário atinar para a subjetividade dos discursos. Estas pessoas tomam para si “estratégias simbólicas”⁴ que os fazem determinar que posições tomar na sociedade dentro do meio ao qual pertencem, isto logo torna-se uma elemento formador de sua identidade. Neste sentido, precisamos ter um olhar mais preparado que se esquivar de uma explicação mal elaborada que compreendem as representações de modo a formar uma ideia incoerente e estereotipada do contexto que se pretende estudar.

Ao analisar o contexto proposto é fundamental vermos a questão da nomenclatura dada à comunidade Serrinha, ora temos um “paraíso dos homens”. Quando pensamos na ideia de paraíso, seria quase impensável analisá-la sem fazer um diálogo com o contexto bíblico, mais conhecido, onde temos a figura masculina e a feminina que estão representados em Adão e Eva em lugar aprazível, sua morada. Mas ainda temos uma continuidade, onde a mulher é apresentada como a transgressora. Neste ponto podemos discutir, o que seria um “paraíso dos homens”? No espaço que é apresentado temos as mulheres que trabalham com artesanato e os homens que em sua maioria trabalham com a agricultura e neste ofício existe um período de possível ociosidade. Então como é “paraíso” para os homens nesta sociedade? Como entender este contexto? Um importante ponto é analisar o que foi produzido sobre este período para chegar a um diálogo, um entendimento. No livro de 1971, onde o autor fez sua pesquisa em meados da década de 1960, Valente afirma:

As atuais condições de vida e de trabalho da comunidade de Serrinha alarmam qualquer observador, mesmo desarmado da técnica e da experiência do pesquisador social. Serrinha, uma vez de PARAÍSO DOS HOMENS – apelido de significação humilhante, pejorativo, injustamente criado pela malícia de motoristas e calungas de caminhões, em face da aparente ostensiva ociosidade dos homens, em contraste com a também aparente ostensiva atividade artesanal das mulheres – bem que poderia ser apelidada, senão de INFERNO, ao menos de PURGATÓRIO, sem exclusivismo de sexo e de idade, à espera de resgate. (1971, P. 23).

⁴ Cf. Chatier, 1991.

Ao mostrar que a representação de “paraíso” é formada a partir do olhar de fora, uma vez que são os caminhoneiros e calungas que assim chamam a comunidade podemos destacar dois pontos: o primeiro é que formado a partir do olhar masculino de alguém que não pertence aquele espaço e o segundo que se imprime além de representações da comunidade, atrelado a isto existe uma representação para o homem e para a mulher. Ao mesmo tempo em que o autor faz uma negação para a afirmativa de “paraíso” ele coloca outra que a seu ver seria mais pertinente, mesmo que ao longo do seu trabalho ele não volte mais as nomenclaturas de “inferno” e “purgatório”, mas já deixou seu julgamento e aí precisa ser lembrado que ele esta falando a partir de uma instituição, que legitima⁵ sua fala e lhe dá o poder de falar por ela.

Na relação do contexto estudado é preciso lembrar que existiam sujeitos que se relacionavam com esta ideia formada a partir do que é exterior a eles e também como suas concepções. Para Hall (2006) a formação da identidade esta justamente na “interação” do eu com a sociedade, o sujeito neste sentido, convive com a ideia de possuir um núcleo interior que é “real”, mas que formado e modificado a partir de diálogo com “exteriores” e as identidades que lhe são oferecidas.

Portanto ao recorrer às falas das mulheres podemos ver uma mistura do que foi formado em seu mundo e que dialogam com discursos externos a seu espaço. Neste ponto voltaremos ainda para Hall (2006) onde ele nos remete a discussão de que um sujeito não tem uma identidade unificada e estável, esta identidade não é única formada a partir de apenas de uma concepção, esta identidade é fragmentada e algumas vezes são contraditórias ou não resolvidas.

Ao questionar-se sobre ter vivido o período de paraíso nenhuma artesã afirma ter vivenciado, apesar de terem comentado, o que elas dizem é de ter “ouvido falar”. Faz-se importante salientar que todas trabalhavam no artesanato do chapéu de palha e foram contemporâneas do período em que foi escrita a obra de Waldemar Valente. Como se vê na fala de D. Sebastiana (2013) “Do tempo? Não, sei que o povo chamava de ‘paraíso dos homi’, diziam que as mulheres que trabalhava pra dá de comé aos homi, por isso que chamava de ‘paraíso dos homi’”. Como se vê nesta fala não existe uma lembrança de ter vivenciado o período, como também podemos observar que existe uma ideia formada a cerca das representações para a figura feminina e masculina. A mulher associada à ideia de quem sustenta os homens, aos homens está à representação de

⁵ Cf. Foucault, 1996.

quem é sustentado, de quem não trabalha que esta entregue a ociosidade, o suposto “paraíso”. Outros discursos também apontam para afirmar estas representações como vemos nos versos de José da Costa, poeta e professor da cidade:

Paraíso dos homens.
Que coisa mais engraçada!
Parece até brincadeira
De bom ou mau gosto achada.
Mas era assim que nossa Serrinha
Na verdade era chamada

Por que Paraíso dos homens?
É fácil, vou lhe falar.
Por que os homens dessa terra
Não gostam de trabalhar
As mulheres caíam na trança
Para eles sustentar.

(IRMÃO, José da Costa Lima, 2013).

Como se vê temos outras vozes que reafirmam esta representação, e aí o lugar social do indivíduo é de um homem morador da própria cidade. Neste ponto a mulher é exaltada no sentido de que a ela é atribuída às atividades econômicas, ao mesmo tempo mostra-se uma relação onde esta para servir ao homem “as mulheres caíam na trança, para eles sustentar”. O “paraíso”, neste ponto, está ligado à questão da servidão ao homem. No entanto não são apenas estas falas sobre este período, podemos ver outras associadas a outros pontos, nas palavras de Maria Francelina:

Era mode o chapéu de paia... É modo o chapéu porque os homi fazia (risos). Passava carro aqui, de fora, aí quando passava aqui o pessoal: “Êêê paraíso dos homi que tira a cueca pela cabeça... pá pá pá” bateno, por que dize que os homi bate o chapéu, que nem a gente bati. Passava na maior anarquia do mundo... Mai isso acabou-se, foi logo... Aconteci mai não. Quando eu cheguei aqui já acontecia isso, eu cheguei praqui em 49... Já acontecia isso, já num tava mai fazeno esses negócios não, isso foi antigo. (2013)

Ao examinar esta fala vemos que, conseguimos perceber que a representação esta associada a outras questões até então não mencionadas. Como foi mostrado anteriormente o trabalho artesanal com palha era feito em sua maioria por mulheres, mas não feito exclusivamente por elas. Neste ponto vemos que primeiro há uma escárnio que vem do próprio “paraíso dos homens”, ainda continuando quando se afirma que os homens trabalhavam na produção, há uma afirmação do trabalho masculino. No entanto, há logo a preocupação de mostrar que aquilo acabou, “isso foi antigo”. A fala vai de encontro a outras como a D. Jecina (2013) “É... O povo falava

isso aí... Era... Num sei, acho que é purquê tinha homi que fazia aqui, aqui na rua tinha homi que fazia trança”.

Então, se sabe que o artesanato feito com a palha não era exclusividade das mulheres, embora elas constituíssem a maioria na produção. Mas é interessante perceber que quando indagadas sobre se os “seus” homens trabalhavam também neste ofício normalmente é negado os que produziam eram os “outros”, como vemos ainda na fala de D. Jecina (2013) “Os lá de casa não... (risos). Só fazia as mulheres”. Quando temos falas que reconhecem em sua família, logo após se vê uma justificativa como na fala de Maria Cesário (2013): “Era eu e minha mãe, chegou a fazê até meu irmão, meus irmão tá no Rio, hoje. Fazia trança minha filha, pra ajudá...” As falas corroboram para indicar certo incomodo ao falar sobre a questão da figura masculina no artesanato, e isto pode ser visto em uma das falas na qual uma artesã expressa comentários sobre o que se falavam também dos homens. Maria José afirma:

Dos homi, falava dos homi que muitos homi fazia. Aí o povo falava. Falava que num era pra homi fazê, que era mulhezinha e num sei o quê. Que o que fazia num era homi e que aquilo era trabalho de mulher. Disso eu lembro, e muito homens fazia... Até meu ex-marido fazia... Quando ele... Antes d’eu conhecer ele. (2013)

Portanto observa-se que não se formam um único discurso que se mostra coerente, ao contrario temos várias representações que são atribuídas aos homens em função da representatividade do trabalho feminino. Neste sentido é preciso lembrar que a representação não é uma cópia fiel do real, ela é construção que é formada a partir do que é observado, logo como construção é preciso lembrar que a ela esta vinculada a subjetividade dos discursos formadores da representação.

Os depoimentos nos mostram como se dá na fala das artesãs sua relação com as representações, que englobam todo o contexto destas mulheres. Primeiro tem-se uma representação dado ao lugar e espaço em que vivem estas mulheres, segundo a representação que é dada a elas, mulheres artesãs que trabalha de modo a sustentar ou servir os homens, em terceiro temos as várias representações aos homens primeiro devido a sua ociosidade e mesmo aqueles que trabalham com artesanato são impressos sobre eles uma representação de “mulherzinha”, como explicitado por uma entrevistada. Isto dificulta no sentido de dar voz a eles, já que muitos que trabalhavam no artesanato não assumem esta posição, como se viu através das falas. Esta questão se não mostra como algo bem resolvido apesar de estamos falando já com certo distanciamento do

período, assim, faz sentindo os homens não se mostrarem solícitos nem à vontade para falar desta questão.

Portanto ao historiador cabe observar que as representações que veem do passado requerem interpretação e análise crítica, uma vez que elas não são a representação do real, mas que se criou em torno da realidade. Em Pesavento (2003) vemos que as identidades “enquanto representação social é uma construção simbólica de sentido”. As representações formadas neste período nos mostram que a interação que os discursos externos com as concepções “reais” de cada indivíduo foram formadores das múltiplas identidades e que às vezes se mostram contraditórias, no entanto, é preciso lembrar que o resgate se deu a partir das memórias que por si só já são subjetivas.

4- A memória e as artesãs

Na pesquisa para o trabalho a História oral mostrou-se extremamente importante, no que se refere a documentos escritos se resume apenas a um livro, daí a necessidade e importância de abordar a partir da perspectiva da oralidade. Algo que foi muito pertinente, pois os sujeitos estudados estão entre os setores sociais reprimidos ou excluídos, suas trajetórias de vida tornam a reflexão histórica mais rica por que possibilitam a eles terem voz ativa na construção de sua história.

Neste ponto, entende-se que a partir do momento que se faz uma abordagem a partir da história oral esta não está dissociada da questão da memória. Nesta pesquisa a memória é abordada a partir da perspectiva de Halbwachs que terço seu debate em torno da memória coletiva e colocando-o como referencial construtivo da memória individual.

Com a memória coletiva pode-se averiguar a memória que se formou a partir de “paraíso dos homens”⁶, assim, é preciso lembrar alguns pontos importante sobre o que diz Halbwachs a cerca da memória coletiva. Para destrinchar a questão da memória é necessário primeiro pontuar que memória coletiva e memória individual estão intrinsecamente ligadas; que para que elas possam se unir é necessário existir pontos de contato para trazer uma base comum. Para ele, mesmo que aparentemente particular, as memórias remetem ao grupo que vivenciou, embora o indivíduo carregue suas lembranças de certo modo elas também pertencem a uma sociedade. Isto, no entanto,

⁶ Existe uma ideia sobre o que seria o “paraíso dos homens”, mas atribui-se vários motivos a este título. Percebeu-se que na memória coletiva existe o ponto de ligação que é produção do chapéu de palha, mas na memória individual mostraram-se vários significados para o termo.

não anula a memória individual que adquiri outros contextos, mas a faz transpor para um grupo que compartilhou os mesmos acontecimentos. Segundo Halbwachs:

Para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre umas e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum (...) é preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros... (2006, p. 39)

Neste contexto estudar a memória das mulheres que tinham como ofício a produção de chapéus atrelada à ideia “paraíso dos homens” é trabalhar com a memória coletiva e individual. Estas mulheres participam então de contextos semelhantes ao mesmo tempo em que, “na base de qualquer lembrança haveria um chamamento a um estado de consciência puramente individual” (HALBAWACHS, 2006, p. 72) o que faz com que se possa recuperar o passado de modo com que existam particularidades nas lembranças individuais. Assim a memória coletiva engloba a memória de um grupo e cada componente desse grupo com ela se identifica.

No contexto histórico estudado podemos identificar claramente a questão de “paraíso dos homens” tornou-se uma memória coletiva que extrapola a comunidade local, uma vez que foi dada a comunidade por pessoas que passavam por ela. No entanto, quando vamos ao debate das falas que conseqüentemente são frutos de uma memória, algumas versões se cruzam, outras diferem. Neste ponto pode-se notar que as subjetividades aparecem, dando significados diferentes ao ocorrido. Embora sabe-se que todas as representações ligadas ao momento sejam construções simbólicas, elas se transformaram em memórias que são coletivas uma vez que partilham de muito pontos de contato, mas que tem suas particulares, assim, acabam refletindo no indivíduo que também tem sua memória individual.

De acordo com Pollak podem aparecer alguns possíveis problemas em relação à memória coletiva formada a partir de instituições de poder no sentido de desconsiderar ou até mesmo encobrir as memórias que não se encaixam nas memórias coletivas. Neste caso ele as denomina de subterrâneas e faz associação pesquisa com história oral “Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas” (POLLAK, 1989, p. 4). Na comunidade de Serrinha, é citado que é no livro de Valente o único lugar encontrado que oficialmente fala sobre a questão de “paraíso”, que embora o autor discorde da

nomenclatura dada à comunidade acaba por deixar outras as de “inferno” ou “purgatório”. Ainda sim, temos outro discurso que acaba ganhado poder que é o dos caminhoneiros que passam pela cidade, que levaram esta informação a outros espaços que fez a cidade ficar conhecida como “paraíso dos homens”, aí temos uma situação de um discurso que impossibilita de mostrar a história por quem a vivencia.

As memórias subterrâneas muitas vezes passam por espaços de tempos onde ficam silenciadas, silêncio este que muitas vezes é confundido com esquecimento, mas que está longe disto. Uma vez que, em momentos de conflitos onde estas memórias são postas em prova elas afloram, isto ocorre por meio da oralidade; muitas delas são transmitidas a sua rede de convívio: familiares e amigos.

Este conceito de memória torna-se pertinente para a pesquisa posta em questão por que se vê um silêncio em torno deste contexto por parte das mulheres artesãs que vivenciaram este período. Esta questão passa pela esfera do “não-dito” como mostra Pollak:

As fronteiras desses silêncios e “não-dito” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconscientemente não evidentemente estanques e estão em perpetuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusão e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz ou, ao menos de se expor a mal-entendido. (1989, p. 8)

Portanto o silêncio em torno desta questão por não lembrar, esquecer-se ou ouvir falar numa tentativa de se ausentar de uma opinião, que na questão do trabalho do homem no artesanato ou até mesmo na questão de “paraíso dos homens” não reflete ao esquecimento patológico. Mas, também, em um não querer lembrar-se de algo que talvez não apresente suas lembranças ou que não sejam agradáveis. Isto pode ser visto principalmente nas artesãs que não continuaram no seu ofício. Portanto o que foi apresentado é uma mistura de memória coletiva, sendo um dos elementos construtores da memória individual e coexistente as duas temos a memória subterrânea, que só foi possível vê-la nas entrelinhas dos discursos que passaram pelo não “não dito”.

Conclusão

A pesquisa para este artigo possibilitou a discussão em relação a um período da história do município de Juripiranga – PB, nos anos 1960 a 1970, momento onde a produção de chapéu de palha mostrou-se intensa. Ao adentrar na pesquisa sobre o

cotidiano das mulheres artesãs pode-se conhecer e mostrar, situações que estavam além do único discurso oficial que se tinham sobre este contexto.

Foi de extrema importância notar quão rico era a sua relação com seu trabalho e todas as situações oriundas a ele, desde a compra da matéria prima, a produção e a venda de seu produto. Mais do que isso o a análise do cotidiano mostrou que as mulheres conseguiam ter um ambiente harmonioso e que se adequaram tão bem as situações adversas, apesar viverem em condições extremamente difíceis.

É fundamental desconstruir o preconceito em torno da ideia de “paraíso de homens”, mais do que isso precisa-se romper com as representações que ainda mantém um tom pejorativo a cerca desta época que mostrou-se culturalmente rica na história do município. Este período deve ser pensado e valorizado através de uma visão que não descaracteriza o papel dos indivíduos que participaram deste momento, mas que entenda o contexto que envolvia os sujeitos.

O trabalho apresentado resgata as vozes de algumas mulheres que trabalharam com a produção do chapéu de palha, mostrando sua versão cerca de sua própria história. Uma vez que trabalhando com história oral resgatou-se parte da memória deste período, expondo como as artesãs se colocam em relação ao contexto vivido e que divergem em alguns pontos, mas alguns aspectos têm pontos de ligação entre todos os discursos.

Nas vozes destas mulheres percebemos o como é importante para História dar aos indivíduos o espaço para que eles se façam ouvidos e, assim, contribuir para uma história mais rica onde podemos observar a multiplicidade dos discursos. O fato de dar espaço aos sujeitos que em muito tempo foram excluídos socialmente e até mesmo da história oficial torna o debate historiográfico mais rico. Podendo aproximar a História aos indivíduos e percebê-la mais útil e rica na maneira como se apresenta.

Sabe-se que os pontos expostos a cerca do “paraíso dos homens” e as memórias das artesãs não são uma única História já acabada, o que foi exposto trata-se de uma narrativa que pode ser passível de inúmeras interpretações. Tendo em vista que embora se remeta ao passado, a História é construída no cotidiano e está sujeita a modificações e concepções do sujeito. Ao construir este trabalho, levou-se em consideração a noção de que a História é construída pelos sujeitos, e que eles não podem ser silenciados na construção de sua História. Deu-se a possibilidade de que os indivíduos sejam ouvidos, por entender que a história de cada pessoa ou grupo deve ser preservada, e que não existe uma história melhor, mais ou menos importante.

ABSTRACT

The study to consist in the bibliographic search and through of the oral history about the female work in city of the Juripiranga.- PB. The reports obtained are fruits of the a project of the search entitled “ Representations of the female work at Juripiranga ” search oriented in the period of the 1960 to 1970, on project went interviewed women artisans. The principal objective is analyze the representations that the female work obtain about the context, analyzing the formation of the identity of the artisans. The motivation to the study arose in the moment of the elaboration of project of the search. The theoretical analyze happened trough of the dialog with authors like Certeau, Halbwachs and Hall, among others, to check credibility to search dialoging with the proposal of the studies of oral history, memory, daily and identity. It was evidenced in analyze the contradiction existent among the representations that there is about the “paradise of the men” showing the look of whom lived the period contextualized.

Keys word: Woman, daily, representations and identity.

Referencias

AMORIM, M. A. B. V. História, memória, identidade e história oral. **Jus Humanum** – Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Cruzeiro do Sul. São Paulo, v. 1, n 2, p. 107-112, jan./ jun., 2012.

ARAÚJO, M. P.; FERNANDES, T. M. **O diálogo da história oral com a historiografia contemporânea.** In: VISCARDI, C. M. R.; DELGADO, L. A. N.(org.). *História oral: teoria, educação e Sociedade.* Juiz de Fora, Ed. UFJF, 2006. p. 13- 31.

BARROS, J. A. **O Projeto de Pesquisa em História:** da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BARROS, J. A. **O Campo da História:** especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 8º ed. , 2011.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano:** artes de fazer. 13 ed. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CHARTIER, R. **O mundo como representação.** Estudos Avançados. 1991.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 14º ed., 1996.

HALBWACHS, M. **Memória individual e memória coletiva**. In: _____. Trad. de Beatriz Sidou. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós – modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PESAVENTO, S. P. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989. p. 3-15.

SILVA, F. P. A. Do Tanque ao Ferro de Engomar; a prática de lavar roupas como uma “arte” de fazer. In: DANTAS, E. ; BURITI, I. (org.). *Cidade e região*. João Pessoa: Ideia, 2005. p. 105- 133.

VALENTE, W. **Serrinha: aspectos antropológicos de uma comunidade nordestina**. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais – MEC, 1971.

APÊNDICE

MODELO DE ENTREVISTA
APLICADA AS MULHERES ARTESÃS DO CHAPÉU DE PALHA

DADOS:

Nome:

Idade:

PERGUNTAS:

1. Começou a trabalhar com chapéu de palha com quantos anos?
2. Parou os estudos para trabalhar?
3. Começou o trabalho para ajudar na renda de casa?
4. Trabalhava em outros lugares?
5. Gostava de produzir chapéus?
6. Qual era/ é o material usado? E onde comprava?
7. Como era o dia-a-dia?
8. Quem eram as pessoas da casa que trabalhavam na produção?
9. Os homens trabalham na produção do chapéu de palha?
10. Quem comercializava/ vendia os chapéus?
11. Ainda faz chapéu?
12. Por que parou de produzir? (*Se a resposta anterior for negativa*)
13. Lembra-se de como a cidade ficou conhecida como: "Paraíso dos homens"?
Sabe o porquê?
14. Falavam alguma coisa de quem trabalhava com chapéu?
15. Sente saudade de trabalhar com chapéu de palha? Por quê? (*Para quem Parou*)
16. Pensa em para de produzir chapéu? (*Para quem ainda faz*)